

UMA ABORDAGEM AO SUPORTE TEOLÓGICO DO LOUVOR NOS SALMOS

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho, para o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em abril de 2006

Produzi um livro intitulado *A teologia dos salmos*. Foi elaborado a partir de aulas que preparei para uma disciplina de mestrado em Teologia, com o mesmo título. As aulas foram ampliadas, repensadas, reescritas e saiu o livro. Esta preleção não tem a ver com o material anterior. Na realidade, nem sequer o consultei. Estou realizando uma série de estudos, em minha igreja, sobre o livro de Salmos, comentando-os um a um. O estudo é apostilado e distribuído à igreja. Concluímos o 129 e entraremos no 130, na semana que vem. Nestes estudos, tenho feito uma abordagem exegetica e histórica, e arranjado o material por este prisma: “Como isto se adequa à igreja de Cristo?”. Uma de minhas queixas à pregação contemporânea e à busca de parâmetros contemporâneos na Bíblia é o fato de que o Novo Testamento deixou de ser o eixo hermenêutico para muitos intérpretes. São pessoas fascinadas pela liturgia pomposa do judaísmo, e desagradadas da simplicidade cristã. Ou que se refugiam no sacerdócio veterotestamentário, em que o líder é detentor do Espírito, fugindo do sacerdócio universal de todos os salvos, no Novo Testamento, que socializa a liderança. Quem quer exclusivismo refugia-se no Antigo Testamento. Mas nesta perspectiva, ele é interpretado sem se compreender que é parcial e submetido ao Novo Testamento. Para mim não basta dizer o que há nos salmos, mas como o que foi encontrado nos salmos foi assimilado pelo evangelho. Por isto que, apesar do título, concluirei sempre com o Novo Testamento.

Muitos dos nossos cânticos caberiam numa sinagoga. Outros caberiam em qualquer lugar, tão voláteis são. Mas somos cristãos e não judeus, somos pastores e ministros de música cristãos. Um dia desses recebi um e-mail discordando de um ponto de vista que expendi. Normalmente não respondo. Recebo mais de 80 diários e há gente que pede explicações de passagens bíblicas, esboços de sermões e até que eu traduza trechos da Bíblia para a sua interpretação. Mas este mereceu consideração. O remetente se intitulou de “rabino judaico cristão, de uma comunidade judaico cristã”. Perguntei o que era isso. Mas não obtive resposta. Não somos judaicos cristãos nem nossas comunidades são judaico cristãs. Somos cristãos e nossa perspectiva deve ser cristã.

Nesta linha, refleti sobre o que pesquisei e produzi Analisei, como tenho feito, como um cristão, pela perspectiva do Novo Testamento. Como o louvor recebeu suporte teológico no livro de Salmos? Como a igreja viu isto? Assim, temos aqui nossa palestra, “Uma abordagem ao suporte teológico do louvor no livro de Salmos”. É produto de estudo no preparo deste material, da disciplina do mestrado, do livro, dos estudos ministrados à igreja, e de lecionar por mais de 30 anos a disciplina Antigo Testamento. Mesmo assim, é um produto incipiente, limitado e falho. Mas que nos ajudará a pensar um pouco.

Dividi-o em quatro áreas: celebração, as dimensões, a motivação e o conceito de Deus.

1. A CELEBRAÇÃO DO CULTO

Não é sempre festiva. Em muitos momentos é trágica. Há festa, mas há dor. Há riso, mas há choro. Os salmos de imprecação mostram o choro. Neste choro há clamor por justiça, como quando se diz que é feliz quem arrebenatar as criancinhas babilônicas nas pedras, como lemos no Salmo 137.8: “Babilônia, você será destruída! Feliz aquele que fizer com você o mesmo que você fez conosco – aquele que pegar as suas crianças e esmagá-las contras as pedras!”. Para nós soa como vingança, mas no contexto hebreu de que a punição não seria no além, e sim aqui, é pedido de justiça. Mas era uma palavra desabrida expressando violência. Não apenas em nível nacional, como no texto lido, mas em nível individual, também, como lemos no Salmo 109.8-14: “Seja a

sua vida curta, e outro ocupe o seu lugar. Fiquem órfãos os seus filhos e a sua esposa, viúva. Vivam os seus filhos vagando como mendigos, e saiam rebuscando o pão longe de suas casas em ruínas. Que um credor se aposse de todos os seus bens, e estranhos saqueiem o fruto do seu trabalho. Que ninguém o trate com bondade nem tenha misericórdia dos seus filhos órfãos. Sejam exterminados os seus descendentes e desapareçam os seus nomes na geração seguinte. Que o SENHOR se lembre da iniquidade dos seus antepassados, e não se apague o pecado de sua mãe”. Havia o choro pelos pecados, quer em nível nacional, como lemos no Salmo 79.8-9 (“Não cobres de nós as maldades dos nossos antepassados; venha depressa ao nosso encontro a tua misericórdia, pois estamos totalmente desanimados! Ajuda-nos, ó Deus, nosso Salvador, para a glória do teu nome; livra-nos e perdoa os nossos pecados, por amor do teu nome”), quer em nível individual, como lemos em 51.1-2: “Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões. Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado”). Havia a repreensão aos infiéis de Israel, bem como aos pagãos. Havia o choro pela enfermidade e a possível morte, sempre terrível para o homem do Antigo Testamento, como lemos no Salmo 38.233: “Pois tu tens sido o meu refúgio, uma torre forte contra o inimigo. Para sempre anseio habitar na tua tenda e refugiar-me no abrigo das tuas asas”, onde o salmista atribui sua doença a uma punição divina por causa de pecado.

Havia a gratidão nacional (“Cuidas da terra e a regas; fartamente a enriqueces. Os riachos de Deus transbordam para que nunca falte o trigo, pois assim ordenaste. Encharcas os seus sulcos e aplainas os seus torrões; tu a amoleces com chuvas e abençoas as suas colheitas” - Sl 65.9-10) e também a individual (“Coloquei toda minha esperança no SENHOR; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito de socorro. Ele me tirou de um poço de destruição, de um atoleiro de lama; pôs os meus pés sobre uma rocha e firmou-me num local seguro. Pôs um novo cântico na minha boca, um hino de louvor ao nosso Deus. Muitos verão isso e temerão, e confiarão no SENHOR”- Sl 40.1-3). Havia simplesmente a contemplação: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste” - Sl 8.3).

Como se pode observar uma vasta gama de sentimentos era coberta no culto. Isto nos abre um horizonte. O culto é a expressão dos sentimentos humanos diante de Deus. Não como uma reunião formal em um encontro solene, no Itamarati, em que as gafes devem ficar de fora. Tudo empacotado ou conservado em formol, um rito imperturbável, seco, pois só sua ministração confere graça. Esta visão sacramental, de que o rito confere graça dispensa a vida e a pessoalidade. Há muito culto assim, tipo sacramental.

O culto é profundamente pessoal, mesmo quando o foco é a nação. Isto porque o hebreu não se via à parte do grupo. A tocante oração de Esdras (Ed 9) é um exemplo disto. Ele não cometeu os pecados que o povo cometeu, mas em momento algum ele diz: “eles pecaram”. Diz “nós pecamos”. Há uma profunda socialidade no Antigo Testamento, que se vê no culto.

Esta socialidade se vê no Novo Testamento, com as exortações que terminam com “uns aos outros”. “Confessem os seus pecados uns aos outros e façam oração uns pelos outros...” (Tg 5.18). 1Coríntios 11.33 (“Portanto, meus irmãos, quando vocês se reunirem para a Ceia do Senhor, esperam uns pelos outros”) nos mostra que a socialidade chegava ao ágape, o jantar festivo dos cristãos, aqui chamado de Ceia. Mesmo que o ágape em Corinto terminasse em vexame, vemos que havia um senso de comunidade. Lembremos que o ágape era o final do culto. Em Romanos 1.11-12, Paulo mostra este mesmo espírito. Ele quer repartir bênçãos e diz que ele e a comunidade se animariam mutuamente. Há mutualidade no culto cristão. Não entraremos no teor das instruções de Paulo em 1Coríntios 14, mas ali vemos também que o culto era um momento de fraternidade, em que a comunidade reunida se via ligada a um Senhor e partilhando de um mesmo tesouro espiritual, e de um mesmo destino.

O Novo Testamento não exorta a amaldiçoar, e sim o contrário: “Peçam que Deus abençoe quem persegue vocês, sim, peçam que ele abençoe e não que amaldiçoe” (Rm 12.14) e “Não paguem a ninguém o mal como mal” (Rm 12.17). Aqui, uma das motivações das orações e dos cânticos nos salmos é refutada. Mostro isto por duas questões. A primeira é que o louvor da igreja deve expressar a fé e a ética da igreja, e não a fé e ética de Israel. O segundo é que, do jeito que a coisa vai, daqui a pouco alguém comporá um corinho imprecatório. Desculpem, corinho agora é louvor. Um louvor imprecatório. Devemos cantar a fé cristã com as motivações cristãs.

O culto é pessoal, mas não intimista. Não contrapõe idades, mas é do povo como um todo. Deve-se evitar a ditadura da idade bem como a ditadura da estética. O culto é um pecúlio da comunidade como um todo. Mesmo na pessoalidade, Israel e a Igreja mantiveram a noção de grupo. O intimismo produz isolamento, perda de visão de história, torna-se catarse individual. O culto não é apenas celebração festiva. Expressa a dor, a perplexidade, cria laços fraternos. É pessoal, mas objetivo, não meramente subjetivo.

No dirigir-se aos infiéis e aos pagãos, os salmistas mostram que o culto também proclama o juízo de Deus e chama ao arrependimento. O culto evangeliza. Paulo disse isso em 1Coríntios 14 ao dizer que ao ouvir com clareza a mensagem de Deus, o incrédulo se converte (v. 24). O culto deve também anunciar as grandezas de Deus, como os prosélitos viram na primeira pregação da igreja em Atos, no dia de pentecostes. O culto expressa a nossa fé a Deus, aos irmãos e ao mundo. Com isto, entramos no segundo tópico desta palestra.

2. AS DIMENSÕES PESSOAIS DO CULTO

Ouvi alguém definir o culto cristão como “eu diante de Deus”. É parte, não toda a verdade. O culto cristão envolve três pessoas: eu, Ele (com letra maiúscula para caracterizar bem quem é esse “ele), e os outros. Comentei no tópico anterior que não é um culto intimista, mas que proclama. O intimismo sentimentaliza o culto. A abertura para outras pessoas torna o culto uma proclamação glorificadora dos atos de Deus.

Muito do conteúdo dos salmos centraliza-se nos atos de Deus. O raciocínio teológico era bem simples. Israel só existia porque Iahweh fez alguma coisa. O salmo 80 é o “salmo da videira”, tema também caro a Isaías, como se vê em seu capítulo 5. Este tema será retomado e reformulado por Jesus. Em João 15, ele é a videira, e não mais Israel. Voltando aos atos de Deus por Israel, a videira transplantada e cuidada, por todo o livro de Salmos, Deus fez algo pelo povo. Fixemo-nos, para não abirmos muito o leque, no Salmo 80.8-11: “Do Egito trouxeste uma videira; expulsaste as nações e a plantaste. Limpaste o terreno, ela lançou raízes e encheu a terra. Os montes foram cobertos pela sua sombra, e os mais altos cedros, pelos seus ramos. Seus ramos se estenderam até o Mar, e os seus brotos, até o Rio”. Este é o tema mais forte no livro de Salmos e deve ser o tema mais forte no culto: redenção.

A redenção foi nacional. O chamado para louvar a Iahweh é nacional e este louvar deve provocar um testemunho universal. Tanto que em algumas vezes o chamado ao louvor é universal: “Os soberanos das nações se juntam ao povo do Deus de Abraão, pois os governantes da terra pertencem a Deus; ele é soberanamente exaltado” (Sl 47.9). Ele tem uma soberania que as nações são chamadas a reconhecer.

O culto nunca é “eu-Ele”, mas é “eu-Ele-os outros”. Eis o Salmo 45.17: “Perpetuarei a tua lembrança por todas as gerações; por isso as nações te louvarão para todo o sempre”. O culto devia testemunhar dos atos de Iahweh por Israel e levar as demais nações a crerem nele. É uma deturpação da fé de Israel que a redenção, produto da eleição, tenha se transmutado. Em vez de se

ver como povo de Deus, Israel viu Deus como sua propriedade. Mas o culto não devia produzir um exclusivismo e sim ser um ato de testemunho. O culto tinha finalidades missionárias, como lemos em Salmo 67: “Que Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe, e faça resplandecer o seu rosto sobre nós, para que sejam conhecidos na terra os teus caminhos, a tua salvação entre todas as nações. Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te todos os povos. Exultem e cantem de alegria as nações, pois governas os povos com justiça e guias as nações na terra. Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te todos os povos. Que a terra dê a sua colheita, e Deus, o nosso Deus, nos abençoe! Que Deus nos abençoe, e o temam todos os confins da terra”. O poder de Iahweh por Israel cantado e testemunhado pela nação deveria produzir a conversão dos gentios.

Nos salmos individuais, o esquema é o mesmo. O “eu” sofre, expressa isso a “Ele”, e “os outros” vêm como “Ele” age e ficam impressionados. No Salmo 40, o salmista relata como Deus o socorreu e proclama isso para que outros creiam: “Coloquei toda minha esperança no SENHOR; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito de socorro. Ele me tirou de um poço de destruição, de um atoleiro de lama; pôs os meus pés sobre uma rocha e firmou-me num local seguro. Pôs um novo cântico na minha boca, um hino de louvor ao nosso Deus. Muitos verão isso e temerão, e confiarão no SENHOR” (40.1-3). Da mesma forma, quando o “eu” peca, pede perdão a “Ele” e conta isso para “os outros”. Vejamos no mais famoso salmo penitencial, o 51, ficando apenas com os versículos 1-2 e 13: “Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões. Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado” (vv. 1-2) e, a seguir: “Então ensinarei os teus caminhos aos transgressores, para que os pecadores se voltem para ti” (v. 13).

Não estou dizendo nada que não saibam, mas ressalto isto: o culto tem uma dimensão interna (eu), tem uma dimensão vertical (Ele) e tem uma dimensão horizontal (o outro). Não é mero exercício espiritual ou psicológico. É buscar a Deus e reparti-lo com os outros. A deturpação do pietismo, não o pietismo em si, é que declara que há apenas o adorador e Deus. Há contas por acertar que dizem respeito ao adorador e Deus. Há aspirações, queixas e pedidos que dizem respeito ao adorador e Deus. Mas o culto é tridimensional. A teologia e o planejamento do culto devem ter isto em mente: ele populariza nosso relacionamento com Deus.

Esta visão missionária do culto é reforçada pelo fato de que o primeiro culto público da igreja funcional, com a presença do Espírito Santo, foi um culto evangelístico, com quase 3.000 conversões. O culto não é um focar sobre Deus, mas é uma proclamação da redenção que Deus efetuou pelo seu povo. Ele redimiu Israel. Ele redimiu a Igreja. Todo culto acaba tendo e deve ter mesmo um elemento de proclamação. Submeto-me a comentários e críticas, mas faz parte de minha perspectiva teológica e minha igreja local assumiu isto: o culto evangeliza. O maior número de batismos em nossa igreja e nas que anteriormente pastoreei, foram de pessoas cujas vidas foram impactadas pelo culto. Não tenho constrangimento algum em fazer apelo e perguntar quem deseja aceitar a Cristo como Senhor da sua vida. Pois o culto que a mim mais comove é aquele em que eu e minha igreja conseguimos mostrar à pessoa sem Jesus que vale a pena crer nele, o Grande Redentor.

Culto não é passatempo. É reflexão, é adoração, é comunhão, mas é também proclamação e um chamado a entregar a vida ao Senhor. O culto deve produzir impacto nas vidas das pessoas e não apenas mantê-las ocupadas ou entretidas. O culto é a mensagem. O que foi dito após mensagem de Pedro deve ser dito após o culto: “O que faremos?” (At 2.37). Por isso culto e mensagem devem caminhar juntos. E isto nós fazemos. Muitas vezes o título do culto é o título da mensagem. Não temos uma colcha de retalhos, mas um todo que marcha que a frente, harmoniosamente. Um de nossos cultos, neste mês, teve um profundo impacto na vida das pessoas. Contive-me para não chorar. E quanto terminou, algumas palmas foram ensaiadas. Não

de festa, porque a igreja é tradicional e o pastor também é. Mas palmas de profunda satisfação. É assim que penso o culto: eu-Ele-os outros. Isto é realizador.

Assim já tangenciamos nosso terceiro tópico.

3. A MOTIVAÇÃO DO CULTO

Alguns lampejos no tópico vencido anteciparam o conteúdo deste tópico. A maior motivação para o culto são os atos de Deus. Algo foi mencionado no tópico anterior, mas porque era impossível dissociar por completo o assunto. Sem negar o fato de que a Escritura é a revelação proposicional de Deus, como Schaffer gosta de dizer, cabe aqui o título de um livro de Ernest Wright, *O Deus que age*. A Bíblia é a Palavra de Deus, e mais, ainda, é o livro dos atos de Deus. Ele não apenas falou. Ele agiu. Iahweh é o Deus agiu na história, no tempo e no espaço pelo seu povo. O povo o louva pelo que ele fez. Como mencionado anteriormente, cabe aqui o salmo da vinha, o 80, onde se mostra o Deus de Israel agindo na história pelo seu povo.

Também a ação de Deus pelo individual é focada como motivação do culto, mas quero falar um pouco mais sobre a ação de Iahweh na história pelo seu povo. A fé manifestada nos dois Testamentos é uma fé histórica, não meramente intimista, subjetiva e sentimental. O culto celebra um evento histórico. No Antigo e no Novo Testamentos. Lembremos da palavra de Paulo, no seu famoso discurso diante de Agripa: “O rei está familiarizado com essas coisas, e lhe posso falar abertamente. Estou certo de que nada disso escapou do seu conhecimento, pois nada se passou num lugar qualquer” (At 26.29). Ou seja, o que ele estava pregando acontecera. E não acontecera de modo que passasse despercebido. Era notório. Todo o discurso de Paulo apela para que Deus fizera na história, na pessoa de Jesus. A fé cristã está assentada na história. O culto deve celebrar os atos de Deus na história, o fato de que a história é seu palco da ação e que ele age na história. A fé não pode ser reduzida a sentimentos e sensações. Certas abordagens litúrgicas transformam o cristianismo em melosidade emocional, em tagarelice sentimental. O sentido histórico da fé deve ser refletido pelo culto, porque cremos que ela caminha para um ponto, em que tudo converge para Cristo. É o que lemos em Efésios 1.9-10: “E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos”.

Da mesma forma, a pregação do Novo Testamento não se constitui de recomendações morais ou preceitos éticos ou filosóficos. É algo que aconteceu na história, a cruz de Cristo. O culto celebra atos divinos na história. E aponta para a consumação da história, o fim de tudo submetido a Cristo, quando se ouvirá o grito do trono: “Aquele que estava assentado no trono disse: ‘Estou fazendo novas todas as coisas!’ E acrescentou: ‘Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança’” (Ap 21.5).

O culto neopentecostal centra-se na subjetividade do adorador, em atos que Deus realizou ou teria realizado ou realizará na sua vida. A historicidade da fé cristã tem sido esquecida. Com isto a pregação se torna sentimental, intimista e a-histórica. O próprio uso da Bíblia mostra o descaso com a história. A Bíblia deixa de ser normativa e passa a ser indicativa. Ela não é a norma, mas apenas a legitimadora de práticas do grupo. Uma consequência desta posição é que mesmo se declarando que os eventos aconteceram, eles não são relevantes para a fé. O relevante é a forma como aquela história é aplicada. Nesta visão hermenêutica, que põe o foco no intérprete, não no texto, o texto deixa de ser relevante. Quem usa tal método pode não se dar conta disto, mas os desdobramentos são inevitáveis. Será o passo seguinte. O culto neopentecostal já está sinalizando o que acontecerá: existe o adorador e seu problema. Deveria dizer o adorador e Deus, mas o conceito de Deus está diluído nesta forma de neopentecostalismo, mais para uma força espiritual que um xamã pode controlar que para o Deus pessoal e relacional da Bíblia.

Querem ver aonde isto leva? Qual é a escatologia que você já viu nas pregações da IURD? A IURD pode tê-la, pois está na sua declaração de fé, mas não é pregada. O senso de história se esvai aos poucos. Nem é relevante.

O culto cristão herdou do culto judaico a mesma noção de história que permeia as duas religiões. O mundo caminha para um ponto determinado por Deus. Deus intervém na história não apenas para que alguém consiga um emprego, mas intervém e intervirá definitivamente para consecução do seu propósito. Diferentemente do culto neopentecostal, um culto cristão deve enfatizar um Deus com propósito, não manipulável. Está se pregando e cultuando um Deus do varejo. O culto deve mostrar um Deus do atacado, que cuida do todo, não apenas da parte. Um culto cristão deve celebrar Deus como Senhor da história. A mim, pessoalmente, os cultos mais comoventes são os que apresentam a volta de Cristo. Não por escapismo, mas porque reforçam em mim a sensação de que não estou numa religião que busca manipular forças espirituais para meu benefício, mas sim que faço parte de um projeto de Deus para este mundo.

Isto fortalece a fé. O crente entende que está dentro de um projeto divino, que Deus não perdeu o controle da história. Passa a ter uma fé varonil, adulta, em que se engaja como colaborador de Deus no projeto do Senhor, e deixa de lado aquela fé infantil em que a unha encrava do adorador dói mais que a fome da África.

A perda da cruz em nosso meio é alarmante. Ela tem sido substituída pela pomba. O objetivo e histórico, Cristo e sua cruz, foi substituído pelo subjetivo, o Espírito, geralmente interpretado equivocadamente. O neopentecostal confunde sua *psiquê* com o *Ruah*. De uma visão teológica centrada no objetivo (Cristo, a cruz, a Bíblia), passamos a uma teológica centrada nas sensações. A liturgia neopentecostal atrai porque trata do íntimo, mas comete um erro. Deixa o histórico de lado. A liturgia cristã deve ter um forte senso de história, deve mostrar (porque a liturgia é a expressão cúltrica da teologia) uma teologia que vê o todo, e não o fragmento.

Em outras palavras, a ortodoxia teológica depende da visão litúrgica. Os conservadores ou tradicionais (prefiro ser histórico) estão perdendo a batalha. Eles têm um ensino mais bem articulado. Os neopentecostais têm um ensino mais bem expressado. Por isto o culto precisa ser bem pensado. Ele exprime os sentimentos do adorador, glorifica a Deus, mas expressa a teologia e mostra não apenas a visão de Deus que temos, mas a visão de mundo que nutrimos. O culto deve mostrar o Deus do particular, a pessoa, mas também o Deus do todo, do mundo, da história. Porque um Deus que é apenas Deus do particular deixará de ser Deus e perderá seu valor em pouco tempo.

4. O CARÁTER DE DEUS

Os atos de Deus nunca são mostrados dissociados do seu caráter. A teologia nos ensina que o caráter de Deus é que motiva seus atos. É por isso que o atributo de Deus que mais cantamos é seu amor, junto a com a sua santidade. Seu amor é santo. Os salmos mostram o ser de Deus junto com o seu agir.

O salmo 136 talvez seja o que melhor explicita isto. Ele historia ação de Iahweh desde a criação até a entrada em Canaã. Começa com louvor à sua bondade (v. 1) e a seu poder (vv. 2-3) e depois se historia sua ação. Cada afirmação tem como resposta o refrão “o seu amor dura para sempre” (NVI e NTLH). A Versão Revisada traduz por “misericórdia”. O hebraico é *hesed*, talvez a palavra mais rica em conteúdo e matizes no hebraico bíblico. Crabtree o traduz por “amor eterno”. É o amor que não pode aumentar nem diminuir, que não depende do valor do

objeto amado, ms liga-se ao caráter de quem ama. O português “misericórdia” (*misere cordia*, “dor no coração”) é o que chega mais perto, mas não o explica.

Também sua “fidelidade” conduz seu relacionamento com os homens. Esta palavra traduz ora *emet*, de onde nos vem “amém”, uma concordância que mostra integralidade, ou *emunah*, que tem a idéia de um caráter invariável. No Salmo 138.2, fidelidade aparece junto com seu “amor”: “Voltado para o teu santo templo eu me prostrarei e renderei graças ao teu nome, por causa do teu amor e da tua fidelidade; pois exaltaste acima de todas as coisas o teu nome e a tua palavra”. O caráter santo, amoroso e imutável de Deus garantem o seu relacionamento com seu povo. Por imutável não se deve pensar em fixista, imobilista, mas em um caráter que não apresenta traços de instabilidade.

A questão aqui não é teologizar sobre Deus, mas mostrar que seu caráter é fundamental para suas ações e que os salmos cantam seu caráter. O culto exalta o caráter de Deus, o que ele é. Deus seja buscado pelo que é, e não pelo que pode fazer por nós. Quando o culto põe a ênfase no caráter de Deus alcança seu clímax teológico. É a exaltação de Deus por causa do que Deus é. Se o culto deve ser prático, no sentido de falar de realidades, e não de abstrações, não pode ser utilitário. De novo o problema do neopentecostalismo surge aqui: “eu te dou para tu me dês”. No caso específico das ofertas, estas devem ser dadas por gratidão, e não para subornar a Deus.

O culto não terá alcançado seu propósito se apenas produziu excitação e sentimentos positivos. Tê-lo-á alcançado se cada adorador puder dizer o que está em João 11.16: “Então Tomé, chamado Dídimo, disse aos outros discípulos: ‘Vamos também para morrermos com ele’”. Precisamos ter cautela para não criarmos uma comunidade interesseira. O culto deve produzir sentimentos nobres, como a gratidão, a consagração e o desejo dedar a vida por Jesus. Isto está meio *démodé* hoje, quando só se pensa em prosperidade. Mas Jesus questionou um grupo que o procurava, com palavras duras que devem suscitar uma reflexão nossa, neste aspecto: “Quando a multidão percebeu que nem Jesus nem os discípulos estavam ali, entrou nos barcos e foi para Cafarnaum em busca de Jesus. Quando o encontraram do outro lado do mar, perguntaram-lhe: ‘Mestre, quando chegaste aqui?’. Jesus respondeu: ‘A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos’” (Jô 6.24-26).

A ênfase nos atributos de Deus faz o adorador refletir sobre quem Deus é e não sobre o que ele pode fazer, põe o foco sobre a pessoa divina e não sobre suas bênçãos.

Os cânticos do Apocalipse deveriam receber mais reflexão nossa no tocante aos cânticos que elaboramos e até mesmo numa teologia da liturgia. Eles conseguem juntar o caráter de Deus com os atos de Deus. Há dois cânticos em Apocalipse 4 e mais dois em Apocalipse 5. Entre muitos, fiquemos com estes. Apocalipse 4.8 exalta a santidade, o poder e a eternidade de Deus: “Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir”. A ênfase é nos atributos divinos. Apocalipse 4.11 sua dignidade e seu poder criador e sustentador: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas”.

No capítulo 5, o primeiro cântico exalta a Cristo como Senhor e Intérprete da história (ele toma o livro que traz a história dos homens) e também sua obra na cruz. O que ele é e o que ele fez: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”. A seguir vem o segundo cântico, que é uma recitação com um responso, interrompidos pela declaração de João: “Digno é o Cordeiro

que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!’ Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, que diziam: ‘Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!’” (Ap 5.12-13). Aqui Jesus é exaltado pela sua ressurreição porque está no trono, ou seja, pela sua soberania. O Cristo ressuscitado e glorificado é exaltado aqui.

Muitos cânticos são esotéricos e difíceis de entender: “mergulhar nos teus rios”, “beber nos teus rios”, “voar nas tuas asas”. Este linguajar me soa sem conteúdo e não me parece refletir nada de cristão. Assemelha-se mais a uma viagem espiritual. O culto não é uma viagem espiritual. Os cânticos não são para produzir a sensação de que nos elevamos dos momentos aqui na terra, mas são para refletir o ser e o agir de Deus, a pessoa e a obra de Jesus. Este esoterês evangélico é produto de um erro: o culto centrado no adorador. A vida no culto parece ser o mais importante na vida cristã. Como alguém definiu, a vida cristã é cada vez mais algo que acontece num determinado dia, num determinado lugar, sob o comando de determinadas pessoas. O culto deve produzir maturidade espiritual para que o crente seja uma pessoa que viva sua vida cristã fora do culto. Se ele refletir sobre a Divindade mais do que sobre seus sentimentos, se desfrutar mais da Divindade que de suas sensações, isto será possível.

CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim volto ao início. Abordei quatro áreas: celebração, dimensões, motivação e o conceito de Deus. São, na minha visão, as quatro pilstras do culto. Sua forma, quem ele envolve, o motivo pelo qual o prestamos e quem é o Deus a quem o prestamos. Este foi posto por último não por ser o menos importante. Pelo contrário, por ser o clímax.

Um personagem do cenário brasileiro, o crítico musical Nelson Motta, é autor de uma frase que me chamou a atenção. Ele a proferiu ao ver o cenário político brasileiro: “Atualmente, não só é mérito ser ignorante, como também é pecado mortal estar entre os melhores, os mais talentosos e competentes”. Também no cenário evangélico se pode aplicar esta frase. Estão mediocrizando nossos cultos sob a desculpa de poder espiritual. Há uma pobreza que dá gosto. A Bíblia é a Palavra de Deus, mas é uma obra literária de fôlego e o estilo de alguns de seus escritores é fantástico. O estilo de João é absolutamente genial. Algumas obras musicais do passado marcaram a cultura musical para sempre. A maior parte dos cânticos não durará até a próxima Copa do Mundo. Nós não podemos ser medíocres.

Que o Deus a quem adoramos seja glorificado foi o desejo que me norteou na confecção deste trabalho. Suceda isto em nossa vida nestes momentos de reflexão.